

Actualidade de Lacan

José Martinho¹

Há um Lacan inactual, um Lacan intempestivo e um Lacan actual.

O Lacan inactual é aquele que morreu em Setembro de 1981 em Paris². O Lacan intempestivo é o Lacan que ainda não existe, é o Lacan do futuro, o de todos aqueles que serão ou que continuarão a ser lacanianos. Mas é sobre o Lacan actual que se debruçam estas Jornadas, que é um Lacan sem passado, nem futuro, sem história ou sempre fresco, porque estrutural.

A estrutura de que vos falo é primeiramente a da linguagem e só depois a do artifício freudiano. Lacan dizia que aquilo que ensinava era a linguagem.

No começo, como diz o Evangelho segundo São João, está o Verbo. Mesmo que não seja divina, a linguagem tem qualquer coisa de eterno, que está sempre lá, antes mesmo de qualquer criança nascer. Encontramo-la já na palavra dos pais, dos padres e dos poderes, nos nomes das constelações do céu, nos dos minerais, vegetais e animais da natureza, nos dos objectos da cultura.

A força da linguagem reside por assim dizer na sua fraqueza, na sua frescura. Esta frescura da estrutura deriva da constante renovação do linguarejar quotidiano, desde o nascimento, pois cada recém-nascido aprende sempre a falar à sua maneira. Mesmo em silêncio ou pela calada, a palavra acompanha a acção humana do berço ao caixão.

É ainda a linguagem que se encontra no início da descoberta freudiana, e que passará a constituir o princípio da «talking cure» e a sua regra fundamental. E o que representa melhor a associação livre verbal nas sociedades contemporâneas senão a inteira liberdade de expressão que caracteriza as nossas democracias?

¹ Psicanalista da Associação Mundial de Psicanálise, Presidente da Antena do Campo Freudiano, Professor Catedrático da Faculdade de Psicologia da ULHT, Director do Centro de Estudos de Psicanálise e da Linha de Acção Psicanálise da UEICTS (apoio FCT)

² Jacques-Marie Émile Lacan, Paris, 13 de Abril de 1901 – Paris 9 de Setembro de 1981.

Foi sobretudo este renovado interesse da psicanálise pelo verbo que conduziu Lacan a Freud. «Retorno a Freud», disse ele. Esta palavra de ordem serviu para a reconquista do campo freudiano, terreno que os pós-freudianos não dominavam, mas desertavam.

Lacan convida desde logo a que se volte ao princípio sobre o qual Freud fundou a psicanálise, ponto de partida descurado por aqueles que procuravam curar o *ego* do outro à imagem e semelhança do seu próprio *ego*.

Este mesmo princípio orientou a vida e a obra de Lacan: duplo percurso que desembocou no curso que animou durante mais de 30 anos em Paris, aquilo que chamava o seu «ensino».

O encadeamento dos Seminários anuais deste ensino pode-se dividir em três décadas: 1950-1960; 1960-1970; 1970-1980; e referido a quatro grandes dimensões: o imaginário, o simbólico, o real e o *sinthoma* (1975-1981).

Médico psiquiatra interessado pelo delírio a dois, mas também pelo delírio individual e colectivo dos seus amigos surrealistas, Lacan só começou o seu «verdadeiro ensino» como adepto da associação livre freudiana no início dos anos 1950³.

Nesse primeiro momento, tratou de distinguir a liberdade de palavra proposta por Freud aos sujeitos que o procuravam e a tópica do Imaginário onde se situa o *ego & Co*, isto é, o *ego* com o seu *alter-ego*, ideal, narcisismo, paranóia e agressividade.

Em seguida, Lacan dedica-se ao estudo daquilo que se encontra para lá da relação imaginária Eu/outro, ou seja, a ordem simbólica que Freud formulou a partir dos complexos de Édipo e de castração, organização que repousa na função da fala,

³ O verdadeiro ensino de Lacan como psicanalista inicia-se em 1953, paralelamente à primeira grande cisão da comunidade psicanalítica parisiense, a crise na Sociedade Psicanalítica de Paris e a criação da Sociedade Francesa de Psicanálise. Em 1963, Lacan afasta-se da Associação Psicanalítica de França e funda a Escola Freudiana de Paris (1964). Estas transformações fizeram que os analistas anglo-saxónicos incluíssem Lacan na «escola francesa de psicanálise», sem entender que esta é apenas um dos efeitos do seu ensino. Lacan foi sobretudo um pesadelo para os psicanalistas franceses e não só, para todos os psicanalistas que obsessivamente se submetem aos rituais institucionais.

nomeadamente a do pai, no interior do campo da linguagem onde se constitui a realidade sócio-familiar e subjectiva do indivíduo.

Entre 1960-1970, Lacan defende o primado do simbólico sobre o imaginário e a realidade do real. Esta primazia era suficiente para remeter a psicanálise para o seu fundamento na palavra, e explicar que ela só é possível quando admite que «o inconsciente está estruturado como uma linguagem». É uma conclusão que se deduz logicamente do facto da «cura pela fala» ter efeitos sobre o sintoma enquanto formação do inconsciente. Ela indica, assim, que a análise supõe a existência de um terceiro plano para além da relação dual: a linguagem como estrutura comum à fala e ao inconsciente.

Com Saussure, Lacan define o elemento da estrutura da linguagem como sendo o significante. Enquanto fonema, este é a matéria-prima da palavra falada, como letra, a matéria-prima da palavra escrita.

O significante é a causa material das conversas que envolvem o ser humano e, por força, da sua realidade psíquica consciente e inconsciente. Isto permite igualmente entender que a causalidade psíquica reside não só na representação significante do sujeito, como nos efeitos de significação e de satisfação do significante sobre a mente e o corpo do falante, sexuado e mortal. É no seguimento desta conclusão que Lacan diz definitivamente adeus à Biologia, Psicologia e Sociologia.

Os efeitos de significação e satisfação variam segundo o uso e a troca das palavras. Estas podem enveredar pelos caminhos do enunciado, do apelo e da comunicação, ou pelos da prosódia, da paródia, da poética, da retórica, da lógica, etc. Por exemplo, Freud realçou o uso lógico quando afirmou que o inconsciente não conhece a contradição; e o retórico, quando falou da condensação e do deslocamento que caracterizam o processo primário do inconsciente, mecanismos que Lacan mostrou, com Benveniste, corresponder à metáfora e à metonímia. É a mesma retórica que levou Lacan a formalizar o complexo de Édipo e a libido freudiana como metáfora paterna e metonímia do desejo.

Depois de falar da realidade imaginária e simbólica, Lacan encaminha-se decididamente para o que há de mais real na psicanálise, a saber, o sintoma.

O que se encontra na origem do sintoma analisável não é uma lesão ou deficiência orgânica, nem um simples acidente; mas também não é a castração como angústia, ameaça ou até punição aplicável a toda e qualquer infracção da lei da proibição do incesto. O início da formação do sintoma está no inevitável e traumático encontro do indivíduo vivo com uma língua que o transcende, que lhe é sempre estrangeira, mas da qual será condenado a fazer a sua língua mátria ou pátria.

Ao encontro traumático com a trama da língua acrescenta-se o fantasma, o mal-entendido que infesta a linguagem, e que as famílias reproduzem a cada geração através do falatório dos ascendentes.

Sublinho que a família que mais interessa a psicanálise não é a célula da geração natural, nem a instituição social onde são satisfeitas as primeiras necessidades e cuidados. É sobretudo a família como o lugar onde a linguagem penetra o real do *infans*, onde gozo do ser vivo é domesticado, disciplinado pelo discurso que veicula o desejo do Outro, reduzido a uma educação de trazer por casa, nomeadamente aos vigentes direitos e deveres do pai, da mãe e da criança.

Como se formam e procriam estas famílias? De maneira geral, através de dois que não têm como fazer um, que não se escutam, nem se entendem, mas se conjugam por uns breves instantes de prazer para reproduzir o mal-entendido que os respectivos fantasmas sexuais elevaram por vezes à perfeição divina do amor. É só então que pode vir à luz o novo corpo que irá sustentar, repetir *ad eternum* o mal-entendido.

É assim que os homens vivem, que nascemos todos, ou nos tornamos os traumatizados e mal-entendidos incarnados que somos.

A ficção e o canto imiscuem-se desde modo na função e campo da fala e da linguagem. A língua torna-se o recanto mágico e obscuro das palavras, uma terra de ninguém

repleta de equívocos, homofonias, anfibiologias, o lugar de um sedutor e abismático canto de sereias, que insidiosamente encanta aquele que fala do ser até falecer.

O mesmo é dizer que, basicamente, a língua é uma aparelhagem do gozo, antes de mais do gozo da palavra como objecto oral (fonema) ou escrito (letra).

O gozo nasce na boa hora do mau encontro com esta língua sereia, e cresce com o mal-entendido de tudo o que desde logo se perde e ganha.

Quando os psicanalistas tentam suprimir este gozo sintomático é porque desconhecem que não há ninguém que não tenha um sintoma, mais ainda, que o sintoma é intratável, incurável, que não se tempera nem elimina, pois apenas se pode refrescar.

Este é mesmo o lado mais fresco do ensino de Lacan:

«Porque é que as pessoas viriam pedir a um analista para temperar os seus sintomas? Toda a gente tem sintomas, dado que toda a gente é neurótica. Quando o sintoma não é neurótico, as pessoas tem a sabedoria de não vir pedir a um analista que se ocupe delas. A prova é que aqueles que é bem preciso chamar psicóticos não ultrapassam esta barreira, não vêm pedir a um analista para dar um jeito neles». (Intervenção em Deauville, 1978)

Que significa esta inutilidade da psicanálise face à intemperança do sintoma?

Em primeiro lugar, que a psicanálise não deve ser concebida como uma medicina da alma ou uma psicoterapia, ideia que continua a assustar muitos psicanalistas, porque acreditam que são médicos e psicoterapeutas, porque se esquecem que são sintomas.

E portanto o sintoma é o que permanece de mais realmente tangível no final de cada análise.

O sujeito não sonha quando experimenta, saboreia o gozo do seu sintoma. Não só ele é, como ama esse sintoma. Nenhuma promessa pode fazê-lo renunciar a isso. Quando é impedido de gozar, o sujeito limita-se a trocar um gozo por outro. A aposta analítica de Lacan é apenas de reduzir esse gozo do sintoma ao seu osso.

A esperança de uma cura do sintoma pela fala esmorece desde logo, torna-se mesmo uma anedota, e é o chiste e o humor que melhor ilustram então o facto que nada muda. É sempre a mesma coisa, como conta uma piada relatada por Freud no seu livro *O Dito espirituoso*: «a vida humana divide-se em duas partes: na primeira, passamos a vida a desejar a segunda, e na segunda desejamos voltar à primeira».

No fundo, ninguém quer mudar, o que cada um quer é falar para se separar do Outro e poder espaiar, desabrochar.

Lacan diz que o sujeito é sempre feliz, porque o sintoma como formação do inconsciente é também um substituto da satisfação pulsional.

Que a psicanálise não sirva então para nada é o que mais inquieta os que querem fazer boa figura, que estão sobretudo preocupados como o seu sucesso social, financeiro e terapêutico.

A proposta do último Lacan vai numa outra direcção: a de que a psicanálise só merece existir se o sujeito conseguir obter com ela um gozo mais satisfatório do que aquele que experimentava pelas vias da formação do sintoma (neurótico, psicótico ou perverso) e da sublimação (religiosa, científica, artística, etc.).

Ora, não é esta a ideia que vigora ainda nos mais vastos sectores do movimento psicanalítico internacional. O que aí se continua a pensar é que a psicanálise é uma psicologia que deverá encontrar o seu fundamento científico na biologia.

O último monstro nascido desta concepção chama-se «Neuropsicanálise». Apesar do sufixo, trata-se de um conhecimento que pretende ser o último grito em matéria de

síntese, ainda que só tenha conseguido até agora colar algumas das novas imagens do cérebro aos ditos dos antigos exploradores do inconsciente.

A dificuldade é que o inconsciente não está no cérebro, e a pulsão não é um instinto. A psicanálise não estuda, nem trata de genes e neurónios, apenas dos problemas que a palavra cria e que só ela pode resolver.

O pulsar do inconsciente não está na tentativa de adaptação do organismo ao meio, mas no gozo da linguagem.

É nisto que a orientação que Lacan deu à psicanálise continua da maior actualidade. Só Lacan soube manter a psicanálise como oferta da palavra ao sujeito que deseja falar em seu nome, não para que esta faça desaparecer o sintoma de uma vez por todas, mas para que o encanto com a sua novidade. A fala apenas pode encantar, cantar, fazer soar a voz do sintoma.

É preciso não esquecer isso, porque é a única possibilidade que existe de desatar os laços (matrimoniais, profissionais, etc.) que inoportunamente se ataram atrapalhando, atormentando a vida, e depois de reatá-los num nó que seja a própria solução do sintoma.